

A edição conimbricense da *Rhetorica* de Joachim Ringelberg

Belmiro Fernandes Pereira
Universidade do Porto – Faculdade de Letras

Querendo contribuir, ainda que modestamente, para a homenagem que aqui nos congrega, ofereceu-se-me o ensejo quando redigia, com outro fim, umas notas sobre a edição conimbricense da *Rhetorica* de Joachim Ringelberg. O tema que passarei a tratar foi-me, assim, sugerido pelo estudo que, em tempos, o Prof. Jorge Alves Osório publicou acerca da edição do *Organon* de Aristóteles, preparada por Nicolas de Grouchy, para os prelos de João de Barreira e João Álvares, no ano em que abria as suas portas, em Coimbra, o Colégio das Artes¹.

De facto, dois anos volvidos, em 1550, da mesma oficina dos impressores régios saía um opúsculo *in-octavo*, intitulado *Ioachimi Ringelbergii Antuerpiani Rhetorica*, singelo volume de apenas 56 páginas, com o manual daquele obscuro humanista batavo². Ora, não será ocioso, creio, procurar esclarecer por que motivos veio a lume tal livrinho em Coimbra, em que contexto, com que intenção e finalidade. Da análise do conteúdo do compêndio aproveitarei, por ora, apenas as doutrinas mais conspícuas que me hão-de permitir situá-lo na corrente que então dominava o pensamento retórico e pedagógico do humanismo do Norte da Europa.

Escassas são as informações que possuímos sobre Joachim Sterck van Ringelberg. O pouco que nos chegou resume-se a esparsas notas autobiográficas. Mais conhecido, como era habitual, pelo nome latino de Joachimus Fortius Ringelbergius, o nosso autor nasceu em Antuérpia, à roda do ano de 1499. Desconhece-se a data da sua morte, mas terá ocorrido, depois de 1531, ainda na primeira metade do séc. XVI. Cresceu na corte do imperador Maximiliano e, pelos 17 anos, passou a Lovaina a fim de estudar, além de latim, a dialéctica e a física aristotélicas. Matriculado na Univer-

1. Ver «Um contributo francês para o ensino coimbrão no século XVI: a edição do *Organon* de Aristóteles», in *Les rapports culturels entre le Portugal et la France*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, 67-89.

2. Recorro aos exemplares conservados na Biblioteca Pública de Évora (BPE), Res. 303, e na Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL), Res. 4621 P. A portada apresenta os seguintes dizeres: IOACHIMI/ RINGELBERGII./ ANTVERPIANI/ RHE-
TORICA+/ DISTICHON./ Quisquis auct praecepta breui sermone tenere/ Rhetorica, hunc librum uerset utraque manu./
/ Conimbricae, Apud Ioannem Barrerium,/ & Ioannem Aluarum./ M. D. L./

cidade em 1519, terá frequentado as classes do Colégio Trilingue. Nos anos seguintes dedicou-se ainda ao estudo do grego e da matemática e à prática das artes da pintura e da iluminura. Em 1527 viaja pela Alemanha, mas, em finais de Agosto de 1529, encontra-se já em Paris, iniciando então uma carreira pedagógica que o há-de levar a Orleães, Bourges, Lyon e Basileia. Aqui, em Basileia, fez imprimir grande parte da sua obra. A intensa e prolixa actividade deste curioso erudito, que ganhou fama também pelas suas excentricidades, é deveras impressionante: além de opúsculos de dialéctica, retórica e pedagogia, que tiveram numerosas edições, compôs breves tratados de ética e psicologia, de aritmética, astronomia e astrologia, de óptica, botânica e zoologia. Visitou Erasmo duas vezes em Basileia e dele recebeu em troca alguns versos latinos. Relacionou-se com Oporinus, o corrector de grego de Froben, com Adrien Amerot e com Andreas Hypérius que o louvou numa *oratio* pronunciada diante do Parlamento de Paris³.

Por conseguinte, o humanista de Antuérpia não foi no seu tempo uma figura apagada, nem a sua presença na cultura portuguesa se ficou pela fortuna do seu manual de retórica. Das suas obras guardam-se, no fundo antigo das nossas bibliotecas, pelo menos nove exemplares⁴. Mas, convenhamos, não era Ringelberg um dos mestres mais seguidos. Que razões terão levado, então, os professores do Colégio das Artes a encomendar a edição da sua *Rhetorica*? Em que medida é que o opúsculo convinha ao ensino praticado em Coimbra? Em suma, retomando as questões que Jorge Osório pôs relativamente ao *Organon* editado pouco antes, que significado atribuir à edição coimbrã da *Rhetorica* de Ringelberg e qual o seu valor pedagógico?

Estou em crer que começaremos a obter algumas respostas se recuarmos duas décadas e observarmos um pouco o processo de consagração do programa e do método humanísticos, concretizado na política régia que conduziu à reforma das escolas existentes, à transferência e refundação da Universidade, que deu origem a novas instituições de ensino.

Com efeito, se a primeira geração humanista, formada na Itália ou por mestres italianos como Cataldo, no último quartel do séc. XV, tinha contribuído para uma efectiva renovação do ensino das *artes sermocinales*, o seu esforço deparou com a resistência da velha escola e por isso o nosso primeiro humanismo foi mais da corte que da universidade, demorando a reflectir-se na organização curricular e nos regimentos escolares. O interesse pela retórica e a valorização deste saber são evidentes na oração de sapiência proferida em 1504, no Estudo Geral de Lisboa, pelo conde de Alcoutim. Como notou Costa Ramalho, entre este discurso e as orações universitárias que serão pronunciadas trinta ou quarenta anos depois em Lisboa e Coimbra, a diferença é muito pouca⁵.

3. Ver Melchior ADAM, *Vitae Germanorum philosophorum*, Frankfurt, Typis Johannis Lacelloti, 1615, *Biographie Nationale de Belgique*, t. XIX-XX, col. 346-359 e *Contemporaries of Erasmus*, (eds. P. Bietenholz - T. Deutscher), Toronto, University of Toronto Press, 1985-1987. Os *opera omnia* de Ringelberg tiveram uma 1ª edição incompleta em Lyon (Gryphius, 1531), da qual se fez modernamente uma reprodução (Nieuwkoop, B. de Graaf, 1967). A edição final saiu em Basileia, em 1536, sob o título *Lucubrationes, uel potius absolutissima kuklopaideia*, reunindo vinte e sete opúsculos e cinco cartas. Muitos mereceram edições em separado. O *De ratione studii*, de todos o mais conhecido, foi publicado por vezes com o tratado homónimo de Erasmo; inúmeras edições tiveram os opúsculos de dialéctica e retórica, bem como os textos sobre astronomia; outros títulos: *Elegantiae*; *De usu uocum quae non flectuntur*; *Compendium de conscribendis uersibus*; *Elementa graeca*; *Schemata*; *Sententiae*; *Liber de formis dicendi*; *Synonyma*; *Opusculum de periodis*; *Sphaera*; *Liber de tempore*; *Optice*; *Chaos mathematicum*; *Aritmetica*; *Horoscopus*; *Astrologia cum Geomantia et Physionomia*; *De urina non uisa et interpretationum somniorum*; *Experimenta*; *Liber de Homine*.

4. *Dialectica & rhetorica*, Parisiis, apud Benedictum Gormontium, 1534 (BNL, RES. 5441//2 P; BNL, F. 4996); *Rhetorica*, Parisiis, apud Ioannem Macaeum, 1536 (BNL, F. 4996, RES. 5441//1 P), Conimbricae, apud Ioannem Barrerium et Ioannem Aluarum, 1550 (BPE, Res. 303 - A; BNL, RES. 4621); *Opera*, Lugduni, apud Gryphium, 1531 (BNL, RES. 5978//3 P; BNL, P. 789 P); *Liber de ratione studij*, Basileae, Bartholomeus Vesthemerus, 1541 (Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC), R-18-11).

5. A. Costa RAMALHO, *Estudos sobre a Época do Renascimento*, Coimbra, 1969, 93.

No entanto, da estima pela retórica e da competência oratória de D. Pedro de Meneses não podemos inferir a autonomia curricular da disciplina. De facto, quatro anos mais tarde, os Estatutos Manuelinos referem unicamente a gramática e a lógica⁶. Nos vinte anos seguintes a cátedra de retórica, quando funcionou, gozou sempre de um estatuto menor. Não terá sido, pois, por via institucional, que a retórica se introduziu no sistema escolar universitário. Outro foi o caminho percorrido. A retórica conquistou espaço entre as artes do discurso pela colonização do ensino gramatical, agora dirigido à aquisição da *eloquentia*, mudança que só mais tarde haverá de atingir igualmente as classes de dialéctica. Que tenha sido essa a evolução dos estudos retóricos na universidade portuguesa, atestam-no as orações de sapiência. Os discursos inaugurais em louvor de todas as ciências, proferidos em 1504 por D. Pedro de Meneses, em 1534 por André de Resende e em 1536 por Jerónimo Cardoso, não só caracterizam as matérias ensinadas, quer no objecto, quer na metodologia, como testemunham tal colonização retórica do ensino gramatical. Esta foi a primeira vitória e a mais difícil. Mas não bastava conquistar a gramática, precisava a retórica de encontrar espaço próprio para por fim estender a sua influência ao território da dialéctica.

A conjuntura na década de 1530 mostrou-se propícia. A reforma dos estudos e a abertura de escolas públicas no Mosteiro de Santa Cruz, a mudança da universidade para Coimbra, a instituição de novos centros de saber humanístico nos colégios da Costa em Guimarães e de S. Paulo em Braga, todas estas transformações acabam por redundar na segunda vitória: a retórica autonomiza-se como disciplina.

Abrem os estudos públicos de Santa Cruz de Coimbra no ano lectivo de 1534-35 e o rumo que lhes imprime o jerónimo frei Brás de Barros reflecte-se na renovação da própria livraria. Entre as dezenas de livros então adquiridos avultam várias obras de Erasmo e manuais como a *Retórica* de António de Nebrija⁷. A própria organização escolar seguirá «as constituyções de parijs & do collegio dalcala», tomando por modelo o colégio trilingue onde os estudos retóricos ocupavam posição privilegiada⁸. Provavelmente logo no ano lectivo de 1535-36, chega o mestre sevilhano João Fernandes, para reger as classes de retórica, primeiro nos colégios de Santa Cruz, depois, a partir de 1539, também no Paço Real⁹. D. João III, no Alvará de nomeação do lente de retórica, estabelece que M.e João Fernandes «lea/ la nos Estudo da vniversidade de Coymbra duas/ lições cada dia de Rectorica. s. huã ora plla me/nhã & outra a tarde» e poucos dias depois em carta ao reitor estipula que «das Duas oras que/ o mestre J^o frz ha de ler caDa dia em esa vniversiDade/ seJa huã de Reitorica & outra Do plinio as/ quaes duas lições lera na casa homDe se ler a/ Jnstituta». O ensino de Teologia e Artes era ainda exclusivo do mosteiro de Santa Cruz, por isso esta cadeira de retórica na Universidade, leccionada na mesma sala da de Instituta, terá uma função propedêutica, destinando-se aos escolares de Leis e Cânones, facto que frisa a geral relevância da disciplina¹⁰.

6. A. Moreira de Sá, «Introdução», *Oração proferida no Estudo Geral de Lisboa*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1964, 46-47 e Aníbal Pinto de CASTRO, *Retórica e teorização literária em Portugal do Humanismo ao Neoclassicismo*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1973, 16-17.

7. O rol das aquisições está no *Livro de receita e despesa* do mosteiro (Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Santa Cruz de Coimbra, Maço 9, n.º 8, fls. 27r-40r). Por estes anos, outro frade jerónimo reformava o convento de Cristo em Tomar e também aí, entre os livros comprados, no período de 1533 a 1537, encontramos «12 Copias de Erasmo» e «quatro de *Compendis epistolis*»; ver Cândido dos SANTOS, *Os Jerónimos em Portugal*, Porto, INIC, Centro de História da Universidade do Porto, 1980, 122-125.

8. Ver alvará de D. João III a autorizar a concessão de graus em Santa Cruz e alvará que proíbe o ensino das três línguas sacras fora dos colégios do mosteiro, Mário BRANDÃO, *Documentos de D. João III*, Coimbra, 1937, vol. I, 44-45 e 78-79.

9. Jorge Alves OSÓRIO, *M.e João Fernandes: A oração sobre a fama da Universidade (1548)*, Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1967 e J. S. da Silva DIAS, *Regimento escolar de Santa Cruz de Coimbra (1537)*, separata de *Biblos*, 45 (1974).

10. Mário BRANDÃO, *Documentos...*, 1939, vol. III, 186 e 203.

A transferência da Universidade em 1537 culmina, pois, o processo de reformas iniciado dez anos antes, quando D. João III instituiu cinquenta bolsas de estudo para estudantes portugueses no colégio de Santa Bárbara. Se, antes, era a Itália o destino comum dos bolseiros, com Diogo de Gouveia inaugurara-se uma nova política que preferia a formação teológica oferecida pelas universidades de Paris e Lovaina. Para aí são enviados quarenta e um bolseiros nos últimos vinte e um anos do reinado de D. Manuel, mas cento e setenta e sete nos primeiros dezanove anos do reinado de D. João III¹¹.

A Fr. Diogo de Murça, um dos primeiros beneficiários dessa política cultural, será confiada, em 1537, a direcção do novo colégio de St^a Marinha da Costa. Entre os mestres, formados em Paris e Lovaina, que tão boa impressão causaram em Nicolau Clenardo, distingue-se Inácio de Moraes pela sua proficiência no ensino da Retórica. Dos alunos sobressai D. Duarte, o filho bastardo de D. João III, que, no dizer da *Memoria dos estudos em que se criarão os monges de S. Jeronymo*, dali saiu «excellente Humanista, Rectorico, Filozofo e Theologo». Na verdade, gozando do favor real, a ponto de poder atribuir graus universitários, o colégio hieronimita brilhou no cultivo das humanidades, colocando em pé de igualdade o estudo da dialéctica e o estudo da retórica, facto a que não seria estranha a formação lovaniense dos mestres e do prior¹². Que fosse esse o entendimento de quem dirigia o colégio parecem confirmá-lo quer o *De ratione discendi Theologiam, oratio* pronunciada por Fr. Jorge de Évora, no mosteiro da Costa, talvez em 1542, quer os inventários conhecidos que nos dão informações preciosas sobre livros que pertenceram a professores e alunos do colégio.

Se Fr. Jorge de Évora, na sua *oratio*, não supõe a exigência erasmiana do conhecimento do grego e do hebraico como instrumento crítico-filológico indispensável à ciência sagrada, não deixa no entanto de repetir que os estudos teológicos não só não são incompatíveis com as letras humanas como as reclamam. Na *captatio benevolentiae*, que no caso não seria mero tópico de exórdio, apresenta-se humildemente como pobre aprendiz de eloquência latina, incapaz ainda de proceder ao *delectus uerborum sententiarumque* que a matéria exigia, mas, tomando a seu favor o *apte dicere*, que no entender de Erasmo devia distinguir o verdadeiro imitador de Cícero, perante a *humanitas* dos espectadores, logo se isenta da *Ciceronis eloquentia*, porque afinal de Cristo, a Palavra viva, provém a verdadeira inspiração. Por isso é mister afastar do púlpito aqueles que *ex inflexione duorum nominum, et degustatis totidem terminis ex sophistarum fecibus, ad sacras literas ire properant, haud intelligentes quid discriminis sit inter euangelium et Aristotelem*. Os temas da *philosophia Christi*, as práticas da *devotio moderna* parecem ressumar desta *oratio* a cada passo. Mas mais nos importa a relação que o orador estabelece entre dialéctica e retórica. Da primeira apresenta a definição ciceroniana, exigindo que o verdadeiro teólogo fuja dos prodígios e portentos dos sofistas e dessas rixas que muitos tomam por ciência, pois que a verdadeira dialéctica é *artium auriga* ou ferramenta da retórica, da qual é *antistrophos*. Tem a *ars bene dicendi* tal grau de parentesco com a dialéctica que é quase a mesma coisa, *nam dialecticae adeo est cognata, ut pene sit eadem*. À maneira de Aristóteles, contra os detractores da eloquência afirma a amoralidade da arte que em si mesma não é um bem nem um mal. Deslocada a questão moral para o campo

11. Ana Isabel BUESCU, *Imagens do príncipe*, Lisboa, (ed. da autora), 1994, 410-419 (é a sua Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa).

12. Em carta a Jean Petit, datada de 8.9.1537, Clenardo conta o que viu. Um mestre ensinava ética, outro a dialéctica e o terceiro, Inácio de Moraes, «sob cujas bandeiras militava um filho del-rei», a retórica. Assistiu às lições e todas lhe pareceram «bastante desempoeiradas no seu assunto»; ver M. Gonçalves CEREJEIRA, *O Renascimento em Portugal*, Coimbra, 1974, 117-129 e Artur Moreira de SÁ, «A Universidade Vimaranesense do séc. XVI», in *Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, Guimarães, 1981, vol. III, 567-581.

do orador, conclui Fr. Jorge perfilhando a concepção quintilianista: *si rhetorica est bene dicendi scientia, quem nos finem sequimur, ut sit orator inprimis uir bonus, eam utilem esse constat*¹³.

Deste ponto de vista torna-se retórica a dialéctica e ganha a retórica a solidez epistemológica que nasce da antistrofia que une ambas as artes. Esta orientação, reintroduzida no Ocidente por Jorge de Trebizonda, encontra terreno favorável no humanismo do Norte e dá origem a uma pedagogia das *litterae humaniores* que tem nas doutrinas de Rodolfo Agrícola a sua fonte inspiradora e em Melanchthon o seu confesso ou inconfesso guia espiritual¹⁴.

Os registos de livros que pertenceram a mestres e alunos do colégio da Costa parecem confirmar esta ideia. Na livraria de D. Diogo de Murça escasseiam os livros de lógica tradicional, mas não faltam textos humanísticos, o *De inuentione dialectica* de Rodolfo Agrícola e as edições erasmianas. O mesmo apego ao humanista de Roterdão parece denunciar-se no rol relativo a Fr. Marcos Romeiro, onde deparamos com vários títulos de interesse para a retórica, um Demóstenes em grego, orações de Cícero comentadas, um Quintiliano com comentários. Também entre as obras que pertenceram ao Infante D. Duarte avultam os clássicos gregos e não faltam os mestres da retórica antiga¹⁵.

Espaço próprio conquistou igualmente a retórica no novo Colégio de S. Paulo. É verdade que a disciplina não estaria nos planos do fundador. Ao que parece, D. Diogo de Sousa em 1532 apenas pensava em abrir classes de gramática e de lógica. O prelado, que na mocidade aprendera retórica com Cataldo Sículo, esperava decerto que os rudimentos da arte fossem propinados pelo mestre de gramática¹⁶. Mas, nesse mesmo ano de 1532, morre o arcebispo e as coisas levam outro rumo. O sucessor na sé bracarense, o infante D. Henrique, reformula o projecto inicial, dando-lhe outra dimensão. Querendo, no dizer de Clenardo, instituir «non triualem quendam ludum», D. Henrique providencia os meios indispensáveis à criação de uma verdadeira escola humanista. No plano de estudos do novo colégio, inaugurado em 15.11.1537, passam a figurar também a Poética e a Retórica. Para o colégio de Braga, a fim de ensinar os preceitos da eloquência, traz D. Henrique no ano seguinte João Vaseu (Bruges, c. 1510 – Salamanca, 1561), mestre que dedica a sua *Colectanea Rhetorices* (Salamanca, 1538) já aos alunos bracarenses¹⁷.

13. Cândido dos SANTOS, «Humanismo e Teologia nos meados do século XVI», *Arquivos do Centro Cultural Português*, 11 (1975), 507-553.

14. De facto, o modo como os humanistas interpretavam o *antistrophos* aristotélico dependia da forma como entendiam as relações entre retórica e dialéctica. Os comentadores renascentistas, por exemplo, Ermolao e Daniele Barbaro, Zabarella e Riccoboni, hesitavam entre duas possibilidades: considerar *anti* no sentido de *pro* ou dar-lhe o valor de *contra*. Assim, *antistrophos* ora significava que a retórica era equivalente à dialéctica, ora traduzia a ideia da retórica como imagem invertida da dialéctica. Sobre esta e outras questões que a interpretação do manual de Aristóteles suscitava vejam-se os estudos de Lawrence GREEN, «Aristotelian Rhetoric, Dialectic, and the Traditions of *Antistrophos*», *Rhetorica*, 8 (1990), 5-27; «Aristotle's *Rhetoric* and Renaissance Views of the Emotions», in *Renaissance Rhetoric*, (ed. by Peter Mack), New York, St. Martin's Press, 1994, 1-26; e sobretudo «The Reception of Aristotle's Rhetoric in the Renaissance», in *Peripatetic Rhetoric after Aristotle*, (ed. by W. Fortenbaugh), New Brunswick (NJ), Transaction, 1994, 320-348.

15. Ver Joaquim de CARVALHO, «A livraria de um letrado do séc. XVI», in *Obra Completa II*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, 569-638; Manuel Augusto RODRIGUES, «Teologia e humanismo no Colégio da Costa de Guimarães», in *Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada. Actas*, Guimarães, 1981, vol. III, 583-600; Cândido dos SANTOS, *Os Jerónimos...*, 108, n. 48.

16. D. Diogo de Sousa pertencia à geração formada por Cataldo Sículo. Não creio que descurasse a arte oratória, mas tenderia a situá-la no âmbito gramatical. Sobre as relações de D. Diogo de Sousa com Cataldo, ver A. Costa RAMALHO, *Estudos...*, 83-105. Segundo a provisão de 1532, o arcebispo de Braga quer que no colégio «aja dous mestres que insynem de ler e sprever, e hum mestre com seu repitidor que ensyne de Gramatica, e outro que ensyne de Loguica, os quaes ensynaram de graça a toda pessoa que hy vier aprender», *apud* J. S. Silva DIAS, «Braga e a cultura portuguesa do Renascimento», separata de *Philosophica Conimbricensia*, 1 (1972).

17. O flamengo Was (Vasaeus na forma latina), depois de estudar as línguas sacras na Universidade de Lovaina, vem em

Ora, este manual não pode deixar de ser relacionado com o compêndio de Ringelberg, publicado uma dúzia de anos mais tarde, precisamente quando Vaseu concluía a sua carreira de mestre de retórica em Portugal, pois não são apenas as origens geográficas dos autores que aproximam as duas obras. O opúsculo de Vaseu, mais extenso que o livrinho de Ringelberg, abre com uma dedicatória ao Infante D. Henrique. Aí, agradecendo ao arcebispo o apreço que lhe manifestara, ao confiar-lhe a direcção dos estudos bracarenses, recorda o autor as circunstâncias que motivaram o texto, composto para benefício daqueles que ocupados pelo estudo de matérias mais difíceis não podiam ler as obras maiores dos antigos¹⁸.

À primeira vista a *Collectanea Rhetorices* poderá parecer nada inovadora: resume a teoria dos *tria genera causarum*, descreve os *officia oratoris*, apresenta, na *inuentio*, as partes do discurso, elenca, na *elocutio*, os tropos e figuras. Com efeito, a desejada brevidade, o escopo pedagógico do compêndio obrigavam a adoptar um esquema reconhecido. No entanto, as escolhas do autor, as autoridades de que se socorre e algumas novidades justificam que nos detenhamos um pouco. Desde logo, chama a atenção a definição inicial, *Rhetorica est bene dicendi scientia*. Mais do que uma preferência por Quintiliano, que não se confirma ao longo da obra, o que avulta é a perspectiva beletrística, a tendência, comum entre os humanistas do Norte, para, hipertrofiando a *inuentio*, reduzirem a arte oratória à *elocutio*¹⁹. De facto, o que sobremodo interessa a Vaseu, na primeira parte, é apresentar os *loci* que convêm a cada parte do discurso, aos diversos *status* e aos vários géneros oratórios. Como era comum, demora-se no tratamento do exórdio, mas detém-se igualmente na teoria da *peroratio*, transcrevendo um longo passo do *De inuentione dialectica* de Rodolfo Agrícola (lib. II, cap. XVII) que ocupa todo um fólio²⁰. De início, respeita Vaseu a doutrina clássica quando enumera os *tria genera causarum*, mas quando regressa ao desenvolvimento do assunto não deixa de referir, ainda que com reservas, o género didascálico: «No género demonstrativo classificam alguns o género didascálico, designação que até agora evitei, por apenas os moder-

1531, por indicação de André de Resende, para a Península Ibérica a pretexto de organizar a biblioteca de Fernando Colombo, a futura Colombina de Sevilha. Em Outubro de 1534 visita Clenardo em Évora e este convence-o a estabelecer-se em Salamanca. Aqui, continuando os seus estudos de Direito, ensina Latim, Grego e Retórica, sempre com extraordinário sucesso. Depois do magistério bracarense de 1538 a 1541, vai dirigir em Évora a escola de humanidades criada pelo cardeal-infante D. Afonso. Em 1550 regressa à universidade de Salamanca onde dois anos volvidos é nomeado titular da cadeira de Prima de Gramática; ver Luís de MATOS, *Dicionário de História de Portugal*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1985, vol. VI.

18. Servi-me do exemplar da BNL com a cota Res. 2420 P: IOANNIS VASAEI BRV/gensis Collectanea/ Rhetorices/ In gratia eorum, qui grauioribus occupa/ti disciplinis, prolixiores ueterum cōmen/tarios euoluere non possunt./ ANNO M.D.XXXVIII./

19. Na verdade, se era geral o interesse dos humanistas pela retórica, tal preferência por uma cultura mais 'humana' não deixava de repercutir particularismos nacionais e regionais que se revelam também no modo como é entendida a economia das artes do discurso. Neste ponto, como notou há muito J. McNALLY, a perspectiva do humanismo do Norte da Europa contrastava com a orientação mais seguida na Itália («Rector et Dux Populi: Italian Humanists and the Relationship between Rhetoric and Logic», *Modern Philology*, 67 (1969), 168-176).

20. A *peroratio* latina era composta de duas partes, *recapitulatio*, o resumo dos factos que releva do *docere*, e *indignatio* ou *miseratio* que diz respeito ao *mouere*. Estes conceitos retóricos, e não psicológicos, por sua vez dividiam-se em vários elementos. Na *indignatio* os mais importantes eram a *atrocitas* e a *uebementia*, a que correspondiam a descrição viva da *euidencia* e as proposições gerais dos *loci*. Ora, esta teoria da *peroratio* sofrera nos *Elementa rhetorices* de Melanchthon uma profunda alteração. O *praeceptor Germaniae*, ao tratar da peroração, ocupa-se da *indignatio* mas não da *uebementia*, porque tinha remetido os *loci* para o género didascálico. Assim o *mouere* na *peroratio* vê-se reduzido ao elemento psicológico, ao 'choque das imagens' da *atrocitas*; com tal distorção da teoria latina, *pathos* e *mouere* adquirem o sentido pejorativo moderno que opõe razão e paixão, *inuentio* e *elocutio*, *res* 'dialéctica' e forma 'retórica', ver Francis GOYET, «La métamorphose du docere chez Agricola et Mélancthon», in *Rhetoric, Rétoriqueurs, Rederijkers* (ed. by J. Koopmans), Amsterdam, North-Holland, 1995, 53-65.

nos a empregarem»²¹. Os inconvenientes que vê Vaseu são de ordem pedagógica, a tripartição aristotélica aprende-se mais facilmente porque se liga aos três deveres do orador, *docere, mouere, delectare*²². Maiores objecções, na verdade, neste mesmo ano de 1538, pôs à teoria de Melanchthon António Pinheiro no comentário que, em Paris, publicou sobre o livro III de Quintiliano. Vaseu acrescenta ainda que está este género mais próximo da composição literária ou académica e que consta de duas espécies, questões simples (o que é a virtude, o que é a justiça, etc.) e questões complexas (deve-se ou não buscar a glória, pode o cristão ou não fazer a guerra), questões muito erasmianas, que como notava Melanchthon faziam deste género o mais adequado à polémica religiosa²³.

Outro ponto a reter ainda em relação ao manual de Vaseu é o da bibliografia que convoca. Como se percebeu já, as autoridades que mais aprecia são Erasmo, que cita pelo menos dezoito vezes, e Rodolfo Agrícola, de quem toma seis citações, algumas bem extensas. O teor do opúsculo ficará mais nítido ainda se se disser que a *Retórica* de Aristóteles é referida quatro vezes e que naturalmente está bem representada a tradição helenístico-bizantina em citações de Trebizonda, da *Retórica a Alexandre*, de Hermógenes e Aftónio. A constante solicitação de exemplos ciceronianos, sobretudo hauridos no *Pro Milone* e no *Pro lege Manilia*, só confirma a preferência por essa corrente retórica que vai de Trebizonda a Agrícola e de Erasmo a Melanchthon, embora, obviamente, Vaseu nunca refira o nome do *praeceptor Germaniae*. É este mesmo quadro que precisaremos de ter em conta ao abordarmos o manual de Ringelberg.

Pouco tempo durou o magistério de Vaseu em Braga. Em 1539 o infante D. Henrique é transferido para o arcebispado de Évora, sendo substituído na sé bracarense pelo bispo de Ceuta. Em 1541 D. Henrique chama Vaseu para dirigir a escola eborense e para o seu lugar, D. Diogo da Silva, o arcebispo de Braga que havia de falecer em Setembro desse ano de 1541, contrata Marcial de Gouveia. O humanista, que a Inquisição tratará mais tarde de forma assaz benévola, foi acolhido em Braga pelo primeiro Inquisidor-mor de D. João III²⁴.

21. Cf. *Collectanea rhetorices*, fol. 37v-38v: «De genere Didascalico. Genere demonstratiuo addunt genus Didascalicum, quod nomen, quia neoterici tantum posuerunt, superius silentio praeteriui». A retórica de Melanchthon saíu sob o título *De rhetorica* (Wittenberg, 1519), *Institutiones rhetoricae* (Hagenau, 1521) e *Elementa Rhetorices* (Wittenberg, 1531). Aqui escreve: «Vulgo tria numerant genera causarum. Demonstratiuum, quo continetur laus et uituperatio. Deliberatiuum, quod uersatur in suadendo et dissuadendo. Iudiciale, quod tractat controuersias forenses. Ego addendum censeo didaskalikón genus, quod etsi ad dialecticam pertinet, tamen, ubi negotiorum genera recensentur, non est praetermittendum, praesertim, cum hoc tempore uel maximum usum in Ecclesiis habeat (...)»; ver Joachim KNAPE, *Philipp Melanchthons Rhetorik*, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, 1993, 123. A esta questão me referi em trabalho anterior sobre os *Commentarii* de António Pinheiro: *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, 14 (1997), 329-341.

22. F. Solmsen considerou aristotélica a teoria dos *tria genera causarum*, ideia suportada no testemunho dos antigos (Quintiliano, 3.4.1). A *Rhetorica ad Alexandrum*, por muitos atribuída a Anaxímenes, teria sido alterada na frase inicial precisamente para parecer mais aristotélica, quando apenas referiria dois géneros e sete espécies. A questão no entanto é controversa: V. Buchheit contestou a emenda proposta por Spengel, mas logo foi contraditado por Fuhrmann e K. Barwick. Talvez a tripartição de géneros não fosse corrente no séc. IV. Como pretendia Solmsen, talvez a teoria tenha resultado da superação da mera observação empírica graças ao método dedutivo do filósofo; ver F. SOLMSEN, «The Aristotelian Tradition in Ancient Rhetoric», *American Journal of Philology*, 62 (1941), 35-50, 169-190 e D. MIRHADY, «Aristotle, the *Rhetorica ad Alexandrum* and the *tria genera causarum*», in *Peripatetic Rhetoric after Aristotle* (ed. by W. Fortenbaugh), London, Transaction Publishers, 1994, 54-65.

23. Inicialmente Melanchthon propõe o *genus didaktikon* como subgénero do demonstrativo (*De rhetorica*, 1519), depois procede à sua autonomização como *genus dialecticum* (*Institutiones rhetoricae*, 1521), quarto género a que chamará, por fim, *genus didascalicum*, nele englobando o sermão (*Elementa rhetorices*, 1531). A influência da sua obra sente-se em autores peninsulares como Alfonso de Zorrilla, García Matamoros ou Frei Luís de Granada; ver G. GALÁN VIOQUE, «Los tratados de retórica de Felipe Melanchthon», in *Primer encuentro interdisciplinar sobre retórica, texto y comunicación* (ed. A. Ruiz Castellanos), Cádiz, Universidad de Cádiz, 1994, 210-215.

24. Em carta a D. João III o Dr. Gaspar de Carvalho escreve que o «ho arcebispo Dom Diogo Da Silua. que deus aja.

Depois de uma primeira fase em que o ensino gramatical se renova graças à procura da eloquência latina, consolidado, na década de 1530, o estatuto da arte oratória como disciplina autónoma, assiste-se agora, nas décadas de 1540-50, a uma terceira fase na expansão dos estudos retóricos: a recepção da produção teórica europeia força à renovação do ensino da dialéctica, difundindo-se de caminho a *ars disserendi* anti-escolástica de matriz agricoliana. A inauguração do Colégio das Artes em 1548, com o seu corpo docente formado no convívio com humanistas da categoria de Melanchthon, Latomus, Strébee, Sturm, etc., a actividade editorial de João de Barreira e João Álvares culminarão esse processo. Mas o terreno vinha sendo preparado.

Permitam-me que recorde agora um trecho da *Vida do Infante D. Duarte* em que André de Resende conta como decorriam as lições que dava a este filho do rei D. Manuel:

Líamos um tempo, em Lisboa, a Dialéctica e, depois de lhe ter lidos os princípios para a *Arte* de Joane Cesário, tornámo-nos a Aristóteles. Foi o infante D. Henrique visitá-lo uma sesta, estando nós em lição. Virei-me ao infante D. Duarte e disse-lhe: – «Pois, Senhor, o Infante, vosso irmão quer estar à lição, bom será que saiba quanto V. A. tem aproveitado, com lho ouvir da sua boca». Cerrou o Infante o livro e em latim competente lhe resumiu o tratado de Porfírio – De *Praedicabilibus* – e as *Categorias* de Aristóteles e *Peribermenias*²⁵, tão solta e despachadamente, que o Infante, seu irmão, ficou atónito. (...) Líamos também o livro de Túlio – De *Officiis* –, e lêramos esse dia o capítulo *De Justitia*. Repetiu-o de cor, assi como jaz, e, des que acabou, disse: – «Agora vo-lo quero dizer às avessas». E começou da derradeira palavra, prosseguindo até a primeira, sem titubear nem fazer intervalo²⁶.

Memória monstruosa, observa Resende em tom de censura. Mas o episódio tem o seu interesse, diz-nos que ao estudo da *Isagoge* de Porfírio e dos tratados preliminares do *Organon* de Aristóteles, Resende ajuntava a *Arte* de João Cesário e o *De officiis* ciceroniano: sinal da difusão do compêndio de dialéctica de Johann Caesarius, exemplo de como o *De officiis* podia ligar as *artes sermocinales*. Ora, Ringelberg, como veremos, aponta este tratado ciceroniano como modelo de oração demonstrativa do subgénero *dialecticum*²⁷ e Johann Caesarius (c.1460-1551) foi um dos mais influentes autores do humanismo do Norte²⁸.

Extremamente difundida e usada, mormente nas universidades de Inglaterra e da Europa Central, a sua *Dialectica* surge geralmente a par dos manuais de Trebizonda e de Agrícola, que, aliás, cita

se concertou com meestre marçial De gouuea pera ler aquy em braga grãmatica poessia. & oratoria. & que lhe avia De Dar cada huum annõ setenta mil rrs». E o próprio Marcial de Gouveia noutra epístola a D. João III, justificando a sua partida de Coimbra para Braga com a insistência de D. Diogo da Silva, acrescenta que tem «200 estudantes & dahy pera Riba. por que acodem & vem muitos dentre ho douro & minho. & doutros lugares tãbem. como de galliza, & bragãça. etc.», ver Mário BRANDÃO, *O processo na Inquirição de Mestre João da Costa*, Coimbra, Publicações do Arquivo da Universidade de Coimbra, 1944, vol. I, 330-334.

25. Trata-se do *Peribermenias*, isto é, do *De interpretatione*. Nos clássicos da Sá da Costa o editor corrigiu para *Periermenias* por o considerar uma adulteração do nome Parménides!

26. Ver André de RESENDE, *Obras portuguesas*, Lisboa, Sá da Costa, 1963, 71-132.

27. *Rhetorica*, 6-7: «Dialecticum est, quod cuiuscumque thematis aut compositi naturam demonstrat. Idem et didacticum et methodicum appellatur, ut cum sermo est de mundo, de Deo, de homine aut cum inquirimus an Prudentia uirtus sit. Haec omnia ad dialecticos locos pertinent ac ideo inde nomen habent. Hoc genere scripsit Cicero de Officiis».

28. Depois dos primeiros estudos, feitos em Deventer com os Irmãos da Vida Comum, como tantos humanistas da área renano-flamenga, Caesarius frequentou as universidades de Colónia e Paris, vindo a completar a sua formação em Itália. Celebrado pelos seus manuais de dialéctica e retórica, Caesarius editou Plínio, Horácio, Diomedes, Boécio e Celso. Famoso helenista, com Erasmo, que lhe dedicou a sua tradução da gramática de Teodoro Gaza (Basileia, Froben, 1516), foi um dos mais ardentes defensores de Reuchlin. Exerceu o seu magistério em Mogúncia, Leipzig e Colónia até ser expulso da cidade por luteranismo. Reconvertido ao catolicismo, regressou a Colónia onde morreu em 1551; ver Cesare VASOLI, *La dialettica e la retorica dell'Umanesimo*, Milano, Feltrinelli, 1968, 249-277.

abundantemente²⁹. Melanchthon nos *Elementa rhetorices* (Lyon, 1539, a2v) para a aprendizagem da dialéctica recomenda vivamente as obras de Agrícola e de Caesarius e, em 1528, apresenta os seus *Dialecticae libri quattuor* como modesta introdução ao estudo da matéria em Caesarius, Agrícola e Aristóteles. Peter Mack, estudioso que procurou demonstrar como a dialéctica no séc. XVI permaneceu essencialmente aristotélica, distingue no humanismo duas correntes, uma que se mantém ainda ligada à lógica escolástica e outra que, simplificando Aristóteles, evita os desenvolvimentos medievais e expressa essa síntese em latim humanista. Neste grupo inclui, além de Trebizonda, Agrícola e Melanchthon, Caesarius, Titelmans, Joachim Périon e Ringelberg³⁰. Para todos eles era claro o vínculo que unia retórica e dialéctica³¹. Ora não deixa de ser notável que todos estes autores tenham tido grande divulgação entre nós por meados de Quinhentos.

Várias são, na verdade, as provas da inserção dos nossos humanistas na *respublica literaria*, expressão usada por Arnold Fabrice na *oratio* de 1548³². As relações de Damião de Góis com Melanchthon e Erasmo são bem conhecidas³³. Resende, cuja devoção erasmiana não era menor, ensinava, como vimos, pela dialéctica de Johann Caesarius. A André de Gouveia oferecia o luxemburguês Barthélémy Latomus (Arlon, 1485 – Koblenz, 1570) as edições parisienses da sua *Epitome commentariorum dialecticae inuentionis Rodolphi Agricolae*. Mestre de retórica no colégio de Santa Bárbara, Latomus acabava de ser nomeado *lecteur royal* de eloquência latina. No colégio dirigido pelo humanista português, proferiu Latomus a lição inaugural por o Collège de Francisco I não possuir ainda instalações próprias. Além do resumo do *De inuentione dialectica*, a André de

29. Da *Dialectica* há nas bibliotecas portuguesas pelo menos as seguintes edições: Parisiis, Aegidium Gourmontium, 1529 (BNL, S.A. 5200 P); Parisiis, excudebat Christianus Wechelus, 1532 (BNL, RES. 4601 P); Parisiis, excudebat Christianus Wechelus, 1534 (BNL, S.A. 818//2 P); Lugduni, apud Joannem Crispinum, 1540 (BNL, S.A. 5201 P); Parisiis, in officina Simonis Colinaei, 1540 (BNL, S.A. 829 P). A *Rhetorica* existe na edição de Parisiis, apud Simonem Colinaeum, 1538 (BNL, L. 888 P). Da *Consolatio* de Boécio com comentários de Agrícola regista-se a edição de Coloniae, ex officina Eucharii Cervicorni, 1535 (Biblioteca da Academia das Ciências (BAC), 11 328 16).

30. P. MACK, *Renaissance Argument: Valla and Agricola in the Traditions of Rhetoric and Dialectic*, Leiden, E. J. Brill, 1993.

31. Melanchthon, no livro I dos *Elementa rhetorices*, começa por definir retórica como *ars quae docet uiam ac rationem recte et ornate dicendi*, ‘a arte que ensina o método e a teoria da expressão correcta e elegante’, para logo a seguir, no cap. intitulado *Discrimen dialecticae et rhetoricae*, escrever: ‘Tanta est dialectice et rhetoricae cognatio, uix ut discrimen reprehendi possit’. Este ideal de união entre as duas artes será ainda perseguido em 1579 por Francisco Sánchez de las Brozas no seu *Organum dialecticum et rhetoricum*.

32. Maria José PACHECO, *A oração inaugural do colégio das Artes de Arnaldo Fabrício*, Coimbra, 1959. *Respublica literaria* e *academia* foram estudadas por Marc Fumaroli nos seus cursos do Collège de France, instituição que, como se sabe, nasceu também desse ideal de *sodalitas* humanista. Ignorada dos antigos e dos medievais, a expressão *respublica literaria* surge em 1417 na carta que Francesco Barbaro enviou a Poggio a felicitá-lo pela sua descoberta de textos clássicos como a versão integral da *Institutio Oratoria* (F. Barbaro, *Epist.* 2.20, vd. *Epistolario*. II. *La raccolta canonica delle "Epistole"*, (ed. C. Griggio), Firenze, Olschki, 1999). Decalcada, talvez, sobre a fórmula *respublica christiana*, a ideia de *respublica literaria*, a que o latim conferia vocação universal, não se lhe opunha antes a completava. Fumaroli em várias ocasiões frisou essa estreita relação entre *respublica literarum* e *respublica christiana*. A partir de finais do séc. XV a expressão vulgarizava-se em textos prefaciais como o que Aldo Manuzio antepôs aos *Opera Omnia* de Platão; ver F. WAQUET, ‘Qu’est-ce que la République des lettres? Essai de sémantique historique’, *Bibliothèque de l’École des Chartes*, 147 (1989), 473-502; Marc FUMAROLI, ‘Rhétorique et société en Europe (XVIe-XVIIe siècles)’. ‘La République des Lettres’, *Annuaire du Collège de France*, 88 (1987-88), 417-434, 89 (1988-89), 383-401; do mesmo autor, *Trois institutions littéraires*, Paris, Gallimard, 1994.

33. ‘per spaço de cinco meses’, diz Góis, ‘com elle em Friburgo de brisgoia pousei’. Foi durante essa estadia na Haus zum Walfisch, no refúgio de Erasmo em Friburgo, entre Abril e Agosto de 1534, que Góis recebeu do roterdamês as *tabulae* que deram origem à edição não autorizada do *Compendium rhetorices* (Lovaina, ex officina Rutgeri Rescij, 1544), vd. *Livro de Marco Tullio Ciceram, chamado Catam maior, ou da velhice (...) traduzido por Damião de Goes*, Lisboa, Na Typographia Rollandiana, 1845, e Luís de MATOS, ‘Das relações entre Erasmo e os Portugueses’, separata do *Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira* 4 (1963).

Gouveia dedicou Latomus ainda o seu comentário da *Dialectica* de Trebizonda³⁴. Na Inquisição o irmão mais novo de André reconhecerá que se encontrou com Erasmo e Melanchthon em 1530 e uma testemunha afirmará que Marcial costumava jactar-se dessa amizade³⁵. Em 1550, na busca à casa de Buchanan encontraram os inquisidores três obras de Melanchthon³⁶. A Mestre João da Costa ouvem-no confessar que *teve* em Bordéus «os colloquios derasmo & a moria & (...) tãbem o ecclesiastes» e que ainda *tem* «huma *dialectica* ou *Rhetorica* de melancton» que lhe teria oferecido António Pinheiro, seu condiscípulo dos tempos de Santa Bárbara³⁷.

Pelo que ficou dito talvez se descubram mais nítidas agora as razões que levaram a editar para os alunos do Colégio das Artes os manuais publicados no período de 1548 a 1551.

Intensa foi de facto a actividade de João de Barreira e João Álvares por estes anos em Coimbra. Dos prelos dos impressores régios saíram então dezenas de livros, avultando entre eles as obras de Azpilcueta Navarro, os *Commentaria* de Manuel da Costa, os *Axiomata christiana* de Fr. Gaspar do Casal, as *orationes* pronunciadas no Colégio das Artes e na Universidade, poemas de Jerónimo Cardoso e de Diogo de Teive, o *Index rerum et uerborum* dos *Adagia* de Erasmo coligido por João Vaseu, a *Cronica geral* de Marcantonio Sabelico traduzida por D. Leonor de Noronha. Mas, mais importante, para o que nos interessa, é que, em 1551, para a aprendizagem das artes do discurso, tinham os estudantes ao seu dispor não só os tratados lógicos de Aristóteles na edição preparada por Grouchy, como também a *Rhetorica* de Ringelberg e a *Dialectica* de Trebizonda anotada por Diogo de Contreiras.

Os manuais de Jorge de Trebizonda, assim que foram descobertos pelo humanismo do Norte, logo se tornaram textos muito solicitados³⁸. Entre 1470-1567 a *Dialectica* teve cinquenta e três edições, os *Rhetoricorum libri V* vinte e cinco, na sua maioria em Paris³⁹. Muito bem recebida foi a obra de Trebizonda na Península Ibérica. Em 1511, na nova universidade de Alcalá, sai a lume o

34. Latomus (versão latina de Steinmetz ou Masson) prosseguiu em Trier e Friburgo-de-Brisgóvia os estudos iniciados na sua cidade natal. Em Friburgo ligou-se a Ulrich Zasius (1461-1535) que o introduziu junto de Erasmo. Depois de ensinar retórica em Colónia durante alguns anos, Latomus passou a Lovaina, atraído decerto pela fama do Colégio Trilingue, mas, em 1531, fixa-se em Paris onde é calorosamente recebido por André de Gouveia. Habitando na casa do seu editor, Gryphius, publica nessa época, inúmeras obras filológicas. Com o mestre de retórica Johann Sturm mantém então estreita amizade. Que o magistério de Latomus deixou marcas, atesta-o o facto de ter tido por discípulos figuras como Rabelais e Marot, Calvino e Inácio de Loiola, Budé, Ramée e Margarida de Navarra. Entre os seus escritos avulta a *Summa totius rationis disserendi uno eodemque corpore et dialecticas et rhetoricas partes complectens*, manual que já no título oferece um autêntico programa. Em 1542 Latomus regressa à Alemanha como secretário do arcebispo de Trier. Convertido à ortodoxia católica, envolve-se então nas polémicas religiosas, participando como perito nos colóquios de Ratisbona (1546) e Worms (1557).

35. Marcel BATAILLON, *Études sur le Portugal au temps de l'Humanisme*, Paris, Fundação Calouste-Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1974, 57-58 e 104-113, e Mário BRANDÃO, *D. Lopo de Almeida e a Universidade*, Coimbra, 1990, 102 e 105.

36. Assim reza o auto da prisão dos Mestres João da Costa e Jorge Buchanan: «fomos a pousada do dtô mestre Jorge bucanano & buscados todos seus liuros & arcas se achou amtre eles hum (...) volume que se yntitula arismetica yntegra cõ a prefacã de felipe melã/tom *item* outro volume que se yntitula oraçã de cicero pro mjnone cõ exposicã de felipe melã-tom *item* outro volume que se yntitula oracoens de tulio cõ expusicoes de felipe melãtom (...).», ver Mário BRANDÃO, *O processo...*, vol. I, 12-14.

37. «Em latim tenho huma dialectica ou Rhetorica de melancton a qual não vy. nem ly ha mais de quinze annos -a dialectica ou rhetorica de melãcthõ me não lembrou tella depois/ que ma deraõ e creio que ma deu antº pinheiro sendo nos discipulos. senão/ agora & aynda não estou bem seguro se a tenho», Mário BRANDÃO, *O processo...*, vol. I, 29 e 34-36.

38. Melanchthon justificará a sua retórica como forma de oferecer um tratado barato àqueles que não tivessem dinheiro para comprar o manual do mestre bizantino; ver J. MONFASANI, «The Byzantine Rhetorical Tradition and the Renaissance», in *Renaissance Eloquence*, Berkeley, University of California Press, 1983, 174-187; do mesmo, «Humanism and Rhetoric», in *Renaissance Humanism*, (ed. A. Rabil), Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1988, vol. 3, 171-235.

39. J. MONFASANI, *Collectanea Trapezuntiana*, Binghampton (NY), Medieval and Renaissance Texts and Studies, 1984.

Opus Absolutissimum rhetoricorum georgii trapezuntii cum additionibus herrariensis. Na carta nuncupatória dirigida ao cardeal Cisneros, Herrera, além da esperada apologia da retórica, apresenta um esboço biográfico do autor grego, salientando a singularidade da sua formação e a importância do seu magistério para o desenvolvimento dos estudos retóricos e humanísticos⁴⁰. Sublinha o valor pedagógico do texto: menos farragoso que Quintiliano, mais explícito do que Cícero, observações sobre a inadequação pedagógica das retóricas clássicas que se tornarão tópico recorrente⁴¹. E a edição complutense não constituiu caso isolado: há em bibliotecas espanholas incunábulo dos *Rhetoricorum libri V* e manuscritos da tradução da retórica aristotélica feita pelo mestre bizantino que teve discípulos hispânicos, como Alfonso de Palencia (1423-1492)⁴². De outra escola era Nebrija, adversário figadal de Palencia, que quando vai ensinar para Alcalá logo publica, diz ele que a contragosto, para uso dos seus alunos a *Artis Rhetoricae compendiosa coaptatio ex Aristotele, Cicerone et Quintiliano* (Alcalá, Arnao Guillen de Brocar, 1515), por certo no intuito de desautorizar o manual de Trebizonda que antes correria como texto oficial na novíssima universidade. Nebrija foi mal sucedido: a autoridade de Trebizonda perdurará⁴³.

Em Portugal, a julgar pelo número de espécies remanescentes nas nossas bibliotecas, não terá sido despicienda a fortuna do mestre bizantino⁴⁴. No rol da livraria de Aquiles Estação figuram tanto os *Rhetoricorum libri V* como os comentários de Trebizonda às orações de Cícero, texto que também se regista no inventário da biblioteca de D. Fernando Martins Mascarenhas, saqueada no final do séc. XVI pelos ingleses. Mas a melhor prova da aceitação que teve entre nós a obra de Trebizonda

40. «Georgius Trapezuntius uir in Graecia natus et graecarum omnium disciplinarum, quae ad ingenii cultum pertinent, quasque liberum hominem scire decet, abunde eruditus». Jorge chamava-se Trebizonda em homenagem ao avô, que era dessa cidade do Mar Negro. Natural de Creta, o mestre bizantino veio para Itália em 1416. Compôs a *Isagoge Dialectica*, o primeiro manual humanista de lógica, em 1440, e os *Rhetoricorum libri V*, a primeira retórica completa do Renascimento, em 1433-34.

41. «Nam Quintiliani Institutiones, tum prolixissimae sunt, tum opinionum superuacuarum referentissimae, quas non est necesse nouiciis huius artis ingerere. Adde quod mendis adhuc ob iniuriam temporum scatent, ideo ad lectionem priuatam sunt potius reseruande. Sed nec Marci Ciceronis ullum opus inuenias, quod hanc pueris de se utilitatem praebat, ut in manus instituendae iuuentutis ueniat. Nam liber ad Herennium tam breuis est, ut nihil fere contineat, quod uotis adolescentulorum satisfaciatur. Opera uero de oratore et perfecto oratore non nisi post magnos in hac facultate profectus sunt legenda. Noster autem Trapezuntius inter Quintiliani fastidiendam prolixitatem et Ciceronis concisam breuitatem medius incedit».

42. Marcelino MENÉNDEZ Y PELAYO, «Apuntes sobre el ciceronianismo en España», *Bibliografía Hispano-Latina Clásica*, Madrid, C.S.I.C., 1950-53, vol. III, 177-271 e Luisa LÓPEZ GRIGERA, *La retórica en la España del siglo de oro*, Salamanca, Ediciones Universidad, 1994, 69-83.

43. A sua influência far-se-á sentir em Juan Luis Vives, na retórica de Miguel de Salinas, nas *Institutiones rhetoricae* de Pedro Juan Núñez. O mestre, porém, não era inquestionável. Trebizonda traduzira deínótes por *grauitas*, a suprema qualidade do orador na tradição latina, versão que passou aos tratadistas do Renascimento. No entanto, a palavra grega literalmente significa 'terribilidade', 'expressividade' e depois 'engenho', 'agudeza', 'habilidade'. Por isso, Sturm traduziu-a por *decorum*. António Lulio evita a tradução incorrecta, no catálogo inicial das 'ideias' verte deínótes por *grauitas seu decorum* mas depois, ao tratá-la em particular, prefere *terribilem, magnum, robustum*. Luisa LÓPEZ GRIGERA, *La retórica...*; A. M. PATTERSON, *Hermogenes and the Renaissance: Seven Ideas of Style*, Princeton (NJ), Princeton University Press, 1970 e A. MARTI, *La preceptiva retórica española en el siglo de Oro*, Madrid, 1972.

44. Conhecem-se, no mínimo, onze dialécticas e seis retóricas, além de alguns exemplares de outras obras: *Opus absolutissimum rhetoricorum*, Compluti, in officina Arnaldi Guillelmi de Brocaro, 1511 (BNL, L. 894 P; BNL, L. 8783//3 P; BNL, RES. 251 A); *Rhetoricorum libri quinque*, Parisiis, excudebat Christianus Wechelus, 1532 (BNL, L. 894 P; BNL, L. 8783//3 P), 1538 (BNL, L. 895 P); *Dialectica*, Parisiis, Henricus Stephanus, 1511 (BGUC, R-35-5), Coloniae, Joannes Soter excudebat, 1533 (BNL, S.A. 5245 P), Parisiis, apud Simonem Colinaeum, 1534 (BNL, S.A. 1028//1 P), Parisiis, in off. Christiani Wecheli, 1538 (BNL, S.A. 988 P), Lugduni, apud haeredes Simonis Vincentii, 1539 (BNL, S.A. 989 P), Lugduni, apud Antonium Vicentium, 1553 (BNL, S.A. 990 P); *Dialectica cum scholijs Iacobi à Contreiras Eborensis*, Conimbricae, apud Ioannem Barrerium & Ioannem Aluarum, 1551 (BPE, Res. 130-B; BNL, L. 894 P; BNL, L. 8783//3 P; BNL, L. 295 P; BNL, RES. 1673 P); *De Evangelica praeparatione*, Venezia, Bartolomeo Zani, 1500 (BGUC, R-48-13; BNL, INC. 1125); *Commentarii in Philippicas Ciceronis*, Venezia, Filippo di Pietro, ca. 1475 (BNL, INC. 1395; BNL, L. 894 P; BNL, L. 8783//3 P); *Almagestum latina donatum lingua ab Georgio Trapezuntio*, Venezia, Lucantonius Junta, 1528 (BGUC, RB-31-18).

reside no facto de ter sido ele o autor escolhido, quando foi necessário dotar os alunos do Colégio das Artes de um compêndio para o estudo da dialéctica. Não foi por acaso, portanto, que saiu em 1551 dos prelos conimbricenses de João de Barreira a *Georgii Trapezontii Dialectica*, acompanhada das anotações de Diogo de Contreiras, um antigo escolar do colégio de Santa Bárbara⁴⁵.

Com o manual de Trebizonda, devia andar o opúsculo de Ringelberg, editado no ano anterior. Descrevendo a disposição do tratadinho e realçando o essencial da sua doutrina, procurarei, agora, responder às questões iniciais que ainda não tenham sido esclarecidas.

A estrutura da obra de Ringelberg é clara. Abre com uma página em que define a arte retórica face à dialéctica. A esta introdução, seguem-se três partes, um extenso painel central, rodeado de dois pequenos quadros. Na primeira parte, dedica quatro páginas à doutrina dos *genera causarum*; na segunda, expõe em quarenta e cinco páginas a teoria da *inuentio*; na terceira e última parte, em apenas quatro páginas, percorre os restantes *officia oratoris*, a *dispositio*, a *elocutio*, a *memoria* e a *actio*. Trata-se, portanto, de uma obra centrada quase exclusivamente na *inuentio* e ainda aqui se mostra muito selectiva. Para dar maior coesão ao enunciado didáctico, identifica a *inuentio* com os preceitos relativos a cada uma das partes do discurso. Por isso se intitula o núcleo central do compêndio *De partibus orationis siue inuentionis*. Com efeito, é a este formato, das partes da *oratio*, que o autor submete os princípios gerais da *inuentio*, as distintas formas de argumentação, as séries de argumentos, a teoria da *stasis*, os *loci* adequados aos diferentes estados de causa. Assim, na estrutura do discurso, valoriza mais a *peroratio* que trata em sete páginas, o *exordium* a que dedica onze e, sobretudo, a *confirmatio/confutatio* que se estende por dezoito longas páginas porque aqui insere a teoria dos *status*. Os demais *officia oratoris* são quase esquecidos, mas dessas quatro partes da arte, aquela que ainda assim merece maior atenção é a *dispositio* pois ocupa tanto espaço quanto a *elocutio*, a *memoria* e a *actio*. A hipertrofia da invenção, um interesse moderado pela disposição confirmam a perspectiva geral adoptada por Ringelberg. Aqueles *officia*, *inuenire et disponere*, comuns a ambas as artes, são sobrevalorizados porque se entende a retórica como contrapartida, como a outra face da dialéctica. Neste quadro, mais avulta a atenção que, na primeira parte, se dirige à teoria dos *genera causarum*. De facto, aqui reside a principal novidade do opúsculo, quando na esteira de Melanchthon destaca o género demonstrativo, acentuando a função do *docere* que se concretiza no discurso dialéctico, tipo a que chama também didáctico ou metódico.

Começa o autor por definir a arte oratória do seguinte modo: «Chamamos Retórica à arte de bem falar. É diferente da Dialéctica porque a esta pedimos o nervo, a robustez de todo o discurso, à Retórica o ornato, ou, dito de outro modo, porque a Dialéctica traça primeiro as linhas, a Retórica cobre-as de cores vivas»⁴⁶. Não se entende pois a retórica à maneira aristotélica como «a capa-

45. Georgij Trape-/zontij Dialectica octo tra-/ctatus continens./ 1. De Enuntiatione categorica./ 2. De Praedicabilibus./ 3. De Praedicamentis./ 4. De Syllogismo categorico./ 5. De Propositione et Syllogismo hypotheticis./ 6. De Enthymemate./ 7. De Definitione et Diuisione./ 9. [sic] De Thesi./ Et hos omnes cum scholiis Iacobi à/ Contreiras Eborensis./ CONIMBRICAE./ Apud Ioannem Barrerium, et Ioannem Aluarum/ Typographos Regios./ M. D. LI./ O texto da dialéctica ocupa os primeiros 95 fólhos; seguem-se-lhe as *Annotationes* em que Contreiras identifica muitas das citações, alusões e paráfrases dos clássicos, mormente de Cícero, Quintiliano e Aristóteles, referindo-se não raro a autores modernos como Valla, Rodolfo Agrícola e Vives. Mestre Diogo de Contreiras prestara juramento na Universidade de Paris em 1533, no principallato de André de Gouveia, cursou medicina e veio a ser nomeado, por D. João III, em 1545, professor de um curso de artes na Universidade de Coimbra; nas vésperas da entrega do Colégio das Artes à Companhia de Jesus, Contreiras ainda regia o primeiro curso de Artes, ver Mário BRANDÃO, *A Inquisição e os professores do Colégio das Artes*, Coimbra, 1948-1969, vol. I, 246-247, vol II, 938-939.

46. *Rhetorica*, 3: «Rhetorices ac Oratoris descriptio. Rhetorice nuncupamus bene dicendi scientiam. Distat a Dialectica,

cidade que faz ver o que é adequado a cada caso para persuadir» (*Rbet.* 1355b25), ou ciceroniana como *facultas* que permite «dicere adposite ad persuadendum» (*De inuent.* 1.6, Quintiliano, *IO*, 2.15.5). Ringelberg prefere a concepção beletrística, a *bene dicendi scientia*, da qual decorre a definição quintilianista típica do moralismo parisiense: *Orator est uir bonus dicendi peritus* (p. 3). Mas é na dialéctica que encontra o discurso os seus nervos e músculos, *neruos et robur*. Como Agrícola e Latomus, Ringelberg reconhece nos *loci* as *sedes argumentorum*, que são comuns à dialéctica e à retórica. À luz da teoria estilística de Hermógenes, a *oratio* reproduzia analogamente a estrutura do corpo humano, de tal modo que a análise retórica se apresentava como uma anatomia do discurso: aos ossos equivalem os argumentos da *inuentio*, aos nervos a ordem da *dispositio*, à carne a *elocutio*, ao espírito a *memoria*, ao movimento a *actio*⁴⁷.

Até aqui nada de novo, mas não assim na teoria dos géneros de causas. Ringelberg, como Vaseu, intitula esta secção *De tribus caussarum generibus* (p. 4), decerto por causa do peso da tradição ou por razões pedagógicas. Mas, logo na definição do género demonstrativo assomam as novidades: «Demonstratiuum genus est quo laudamus, uituperamus, narramus aut docemus aliquid» (pp. 4-5). Não circunscreve o género à *laus et uituperatio*, infringe a equação habitual que se estabelecia entre os três géneros de causas, os três *genera dicendi* e as funções de *docere*, *delectare* e *mouere*. Transfere o autor o *docere* para o discurso epidíctico. Por isso concede ao género demonstrativo mais atenção (pp. 6-7). É agora que se torna clara a dívida para com Melanchthon: «o género dialéctico é aquele que mostra a essência de qualquer tema, simples ou complexo. Também se chama didáctico ou metódico, quando se discursa acerca do mundo, de Deus e do homem, ou quando se procura saber se é a prudência uma virtude. Todas estas questões têm a ver com os argumentos dialécticos e por isso daí tiram o nome. Neste género compôs Cícero o tratado *Dos Deveres*»⁴⁸.

A tripartição antiga fora questionada por Melanchthon, quando lhe acrescentou o género 'didascálico'. A novidade rapidamente se difundiu: entre 1520-1540, só em Paris, os manuais de Melanchthon tiveram à volta de vinte edições; Sturm e Latomus propagavam a dialéctica anti-escolástica inspirada em Trebizonda, Agrícola e Melanchthon; a inovação do 'género didáctico' repercutia-se nas retóricas de Latomus, Vaseu e Ringelberg, embora alguns, como António Pinheiro, a reprovassessem⁴⁹. É, pois, um representante desta corrente, neste ponto bem mais afoito que Vaseu, que fica, em 1550, ao dispor dos alunos do Colégio das Artes⁵⁰.

quod neruos omnes et robur orationis totius petimus a Dialecticis, ornatum a Rhetoricis, aut quod Dialectice primas ducit lineas, Rhetorice uiuos addit colores».

47. A alegorização do discurso constituía um velho tópicos, anterior a Hermógenes. Já Aristóteles considerara o entimema o *corpo* da prova, sôma tes písteos (*Rbet.* 1354a), e Demétrio de Faléron tinha comparado o *comma* à falange, o *colon* ao dedo, o período à mão, a prosa ao corpo; D. INNES, «Period and Colon: Theory and Example in Demetrius and Longinus», in *Peripatetic Rhetoric after Aristotle*, (ed. by W. Fortenbaugh), London, Transaction Publishers, 1994, 36-53.

48. *Rhetorica*, 6-7: «Dialecticum est quod cuiuscumque thematis, aut simplicis aut compositi, naturam demonstrat. Idem et didacticon, et methodicon appellatur, ut cum sermo est de mundo, de deo, de homine, aut cum inquirimus an Prudentia uirtus sit. Haec omnia ad dialecticos locos pertinent, ac ideo inde nomen habent. Hoc genere scripsit Cicero de Officiis».

49. Cesare VASOLI, *La dialettica...*, 278-309. Sobre a recepção da retórica e da dialéctica dos humanistas do Norte na Paris dos anos trinta, ver O. MILLET, *Calvin et la dynamique de la parole*, Paris-Genève, H. Champion-Slatkine, 1992, cap. III, 113-151.

50. Do mesmo modo, também a retórica sagrada não ignorou a teoria de Melanchthon. O *genus didacticum*, acolhido já em 1543 no *De sacris concionibus recte formandis* de Alfonso de Zorrilla, reaparecerá nos *Ecclesiasticae Rhetoricae libri sex* de Frei Luís de Granada (Lisboa, excudebat Antonius Riberius, 1576). Quando procede à reestruturação dos géneros oratórios, nos seis primeiros capítulos do livro IV, Granada equipara o *genus didascalicum* à tríade clássica distinguindo-o pelo *docere* que visa a *cognitio*, orientada para a *quaestio infinita*: M. LÓPEZ MUÑOZ, «Fray Luis de Granada y los géneros retóricos», in *Humanismo y pervivencia del mundo clásico*, (ed. J. M. Maestre Maestre), Cádiz, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cádiz, 1993, 591-599; do mesmo autor, *Fray Luis de Granada y la Retórica*, Almería, Universidad de Almería, 2000.

